ATAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GRUPO DE TRABALHO SOBRE LÍNGUAS INDÍGENAS DA ANPOLL

Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras
Línguas Indígenas Brasileiras

Fonologia, gramática e história.

ATAS

TOMO I

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

Fala masculina e feminina em Awetí

Sebastian Drude (Freie Universität Berlin / MPEG)

INTRODUÇÃO

A presente comunicação visa apresentar o que sabemos sobre a variação entre fala masculina e feminina na língua Awetí. Como é bem conhecido, o Awetí é uma língua do tronco Tupí, hoje falada por um pequeno grupo de ca. 115 pessoas, que habita o parque indígena do Xingú, Mato Grosso. Até alguns anos atrás, pensava-se que o Awetí seria uma língua (se bem que algo divergente) da família Tupí-Guaraní (cf. Rodrigues 1964). Avaliamos, porém, mais apropriada a proposta de Aryon Rodrigues (p.ex., em 1985) de considerar o Awetí como uma língua isolada dentro do tronco (ou, o que é equivalente, uma família de um só membro). No entanto, é possível que futuras pesquisas confirmem a impressão que o Awetí seja a língua geneticamente mais próxima à família Tupí-Guaraní, posição pela qual eventualmente pode competir com o Mawé (cf. Rodrigues e Dietrich 1997).

Já Ruth Monserrat[1] observou e relatou diferenças entre a "fala dos homens" e a "fala das mulheres" em Awetí (cf. Monserrat 1976). De fato, a língua mostra duas variedades lingüísticas relacionadas ao sexo dos falantes. Sendo os Awetí um grupo muito pequeno (um censo da FUNAI de 1954, depois de uma epidemia de sarampo, contou apenas ca. 25 Awetí), esta pode se constituir como a variação mais marcada da língua, antes da variação dialetal e social, as quais são mínimas ou mesmo ausentes. Não sabemos, ainda, o suficiente sobre a estrutura do Awetí para avaliar se a variação estilística (especialmente, graus de formalidade) se articula no nível da estrutura lingüística, introduzindo registros como outras variedades maiores da língua. De qualquer maneira, no nível ainda incipiente dos conhecimentos científicos da língua Awetí, é evidente que os generoletos (termo criado imitando uma palavra inglesa: genderlects) são as variedades lingüísticas mais ressaltantes nesta língua.

Este fato faz do Awetí uma exceção entre as línguas amazônicas, pelo menos daquelas faladas no Brasil. Conhecemos relatos de generoletos de poucas línguas, como o Omagua, no alto Amazonas / Solimões, e o Karajá. Mas é possível que outras línguas entrem neste grupo. Por exemplo, investi-

[1] Pesquisadora que conduziu o primeiro estudo de lingüística sobre o Awetí (iniciada nos fins dos anos sessenta do século vinte e descontinuada desde meados dos anos setenta).

gações recentes sobre o Yawalapiti, língua Aruak no Alto Xingú, e, portanto vizinha do Awetí, indicam a presença de generoletos marcados também nesta língua (comunicação pessoal de Bruna Franchetto, baseada em observações de Jaqueline Medeiros de França). Esta diferença entre fala masculina e feminina, em Yawalapiti, aparentemente mostra-se em níveis semelhantes aos do Awetí (cf. esp. os últimos parágrafos de secção 4, abaixo). O mesmo pode valer para outras línguas Aruak, do Alto Xingú e possivelmente, de outras regiões. De qualquer forma, generoletos não são um fato muito comentado na literatura sobre línguas indígenas da América do Sul. Futuros estudos comparativos destas variedades, especialmente em Yawalapiti e Awetí, poderão indicar uma causa comum ou uma relação significativa entre elas, o que poderia, inclusive, dar indícios para a pré-história das comunidades dos falantes das respectivas línguas.

A língua Karajá, entretanto, apesar da proximidade geográfica com o Awetí, mostra propriedades bastante diferentes. Conforme Eduardo Ribeiro (comunicação pessoal), as diferenças entre fala masculina e feminina se evidencia basicamente no nível fonológico, sendo que a variante feminina mostra traços mais conservadores (fenômeno aparentemente comum, mesmo quando as diferenças entre fala masculina e feminina não chegam a serem tão marcantes que poderíamos falar de generoletos).

O caso da língua Awetí é diferente. Aqui, as diferenças se manifestam no nível morfológico e lexical, e em muitos casos, é impossível dizer qual variante seria mais conservadora e qual inovadora. Nesta comunicação, pretendemos expor os detalhes desta variação, que se dá, pelo que sabemos, em quatro áreas:

a) O paradigma dos pronomes,
b) O paradigma dos prefixos,
c) O paradigma dos dêiticos e
d) Diferenças lexicais.

O PARADIGMA DOS PRONOMES

Ao contatar uma língua, o primeiro interesse versa, usualmente, sobre as formas dos pronomes pessoais. Estas, sendo usadas para se referir aos participantes imediatos da comunicação e, portanto, básicas para qualquer interação lingüística.

É logo nesta área que em Awetí se manifestam as primeiras diferenças entre fala masculina e feminina, a saber, na primeira pessoa do singular, e na terceira pessoa. Damos aqui as formas em uma tabela (tabela 1):[2]

---

[2] Escrevemos as formas em Aweti na ortografia estabelecida para esta língua, com a qualificação que marcamos, neste trabalho, a sílaba acentuada das palavras, e que usamos, por razões técincas, o trema em vez do til para marcar nasalidade. O "y" representa a vogal

Categorias	Fala masculina	Fala feminina
1.ª pessoa singular	*atit — [ˢaˈtʃitˀ]*	*ito — [ˢiˈtɔ]*
2.ª pessoa singular	*en — [ˢen]*	
3.ª pessoa singular	*nä — [nã]*	*ï — [ˢĩ]*
1.ª pessoa plural inclusiva	*kajä — [kãˈɲã]*	
1.ª pessoa plural exclusiva	*ozoza — [ˢɔˈzˌɔzˌa]*	
2.ª pessoa plural	*e'ipe — [ˢɛʔiˈpɛ]*	
3.ª pessoa plural	*tsä — [tsã]*	*ta'i — [taˈʔi]*

Tabela 1: Pronomes Pessoais em Awetí

Como se pode observar, algumas das formas onde não há diferença entre fala masculina e feminina, também são formas que tendem a corresponder às formas análogas em outras línguas do tronco Tupí, e que, são assim possivelmente cognatos.[3]

Isto vale, em particular, para o pronome da segunda pessoa do singular:

- **2.ª pessoa singular** (*en*): Maué: *en*, Karo: *ʔẽn*, Mundurukú: *ẽ́n*, Karitiana: *ãn*, Tupí-Guaraní: **en(d)e*, Xipaya: *ˈena*, Puruborá: *ẽt*, Proto-Tupari (e Mekens): *ẽt*, Gavião: *ẽ̀ẽ̀t*, Surui: *e-ẽt*, (?) Mekens: *ejat*

O mesmo vale para a primeira pessoa do plural (exclusivo), embora as correspondências não sejam tão evidentes como no caso anterior. (Awetí -z-, um som bastante particular desta língua, corresponde muitas vezes a ocorrências de -r- em outras famílias, particularmente, no Tupí-Guaraní.).

- **1.ª pessoa plural exclusivo** (*ozoza*, sendo *-za* um sufixo que marca coletividade, ou plural): Maué: *uruto*, Tupí-Guaraní: **ore*, Xipaya: *uzudi ~ udi*, Mundurukú: *ocedʒə́*, Mekens: *ose*, Karitiana: *ita*, Karo: *té*

Ainda vale, se bem que com menos correspondências, para o pronome da segunda pessoa do plural:

---

central alta não-arredondada [ɨ], o "z" uma fricativa retroflexa sonora [z̢], e o apóstrofo " ' " uma oclusão glotal [ʔ].

[3] Dados comparativos gentilmente fornecidos pelos pesquisadores das respectivas línguas, que participaram no primeiro "Workshop Tupí Comparativo", no Museu Goeldi / Belém, Agosto de 2001: Nilson Gabas Júnior, Ana Vilacy Galúcio, Gessiane Lobato, Sérgio Meira, Denny Moore, Carmen Rodrigues e Luciana Storto.

- **2.ª pessoa plural** (*e'ipe*): Maué: *eipe*, Munduruku: *ejdʒɔ́, epe-je-*, Tupí-Guaraní: **pen(d)e*, (?) Karitiana: *aita*, (?) Xipaya: *esi*

Não podemos estabelecer correspondências no caso do pronome da primeira pessoa do plural inclusivo (*kajã*), embora se possa notar uma analogia interessante entre a forma das línguas Tupí-Guaraní (TG), *jan(d)e*, e a forma do Awetí, *kajã*, num lado, e as respectivas formas da segunda pessoa do plural, *pen(d)e* (TG) e *e'ipe* (A), no outro lado. Nos dois casos, o Awetí combina o prefixo pessoal de uma série 'nominal' (ver tabela 3, abaixo, aqui: as formas *kaj-* e *e'i-)* com sílabas que, em línguas Tupí-Guaraní, são combinadas com *-n(d)e* para formar o pronome: *jã-* e *pe-*. Partindo desta observação, pode-se, então, especular se as partes *jã-* em Awetí e Tupí-Guaraní são geneticamente relacionados.

O que surpreende é a ausência quase total de correspondências claras no caso dos pronomes da primeira pessoa do singular, *tanto* no caso da variedade masculina *como* no caso da variedade feminina. Esperava-se que uma das duas formas estivesse claramente relacionada com formas análogas em outras línguas Tupí, especialmente com as línguas Tupí-Guaraní, e que a outra forma teria algumas relações com outras línguas, pertencentes ou não ao tronco Tupí (como é relatado para o Omágua). Porém, a única correspondência que achamos é entre a forma feminina, *ito*, e a forma do pronome da primeira pessoa do singular em Mawé, *uito*. Mas, nem estas formas nem a forma Awetí da fala masculina, *atit*, mostram uma relação clara com formas análogas de outras línguas Tupí, apesar de que várias destas formas, entre si (excluindo Mawé, Awetí, e Tupí-Guaraní), são um conjunto prometedor de possíveis cognatos. Só observamos a ocorrência de uma oclusiva dental entre duas vogais, o que encontramos também em várias das formas de outras línguas.

A ausência de correspondências claras no caso dos pronomes da terceira pessoa não deve surpreender, pois em várias línguas (inclusive, em línguas Tupí, e especialmente Tupí-Guaraní) estas formas sequer existem (no lugar, costuma-se fazer uso de pronomes dêiticos). Também, é bem comum que estas formas, quando existentes, surgem, diacronicamente, de fontes variadas, particularmente de pronomes. Mas vale ressaltar que o Awetí não somente possui verdadeiros pronomes de terceira pessoa, como também possui, tanto na fala masculina como na fala feminina, uma diferenciação entre singular e plural na terceira pessoa, fato pouco comum nas línguas Tupí, e, em geral, nas línguas que diferenciam entre a primeira pessoa do plural inclusivo e a primeira pessoa do plural exclusivo.

No caso dos pronomes da terceira pessoa, é capital ainda mencionar uma particularidade que reencontraremos mais adiante no paradigma dos dêiticos. É notável que as duas formas masculinas, como a forma feminina do singular, terminam numa vogal nasal. No caso das formas masculinas, no mínimo, esta vogal nasal não se comporta normalmente, como podemos observar no caso delas combinarem com posposições. Por exemplo, a posposição (clítica) *-pe* tem duas formas, uma sendo *-pe*, usada depois de palavras que terminam numa vogal, e uma outra, *-ype*, usada depois de palavras que terminam numa consoante. Compare:

- ***nuhíju-pe*** *[nuˈhijupɛ]* ('no Rio de Janeiro', o nome da cidade entrou em Awetí na forma *nuhíju*), vs.
- ***belëj-ype*** *[bẽˈlẽɲĩpɛ]* ('em Belém', o nome desta cidade entrou na língua na forma de *belëj*, o que termina numa consoante).
-

Poderíamos dizer, numa abordagem tradicional, que a 'forma básica' da posposição começa com uma consoante, e que a vogal *default*, */i/*, (que é, de fato, a vogal Aweti mais 'perto' de Shwa) é inserida depois de consoante, para evitar o encontro de duas consoantes. O mesmo vale para a maioria das posposições, isto é, para todas (que encontramos até agora) cuja 'forma básica' começa com consoante.

Agora, quando estas posposições são combinadas com os pronomes da terceira pessoa da fala masculina, aparece um */n/* entre o pronome e a posposição, a qual aparece, conseqüentemente, na sua forma estendida pós-consonantal (isto é, a forma com */i/*):

- ***nän-ype*** *[ˈnãnipɛ]* ('nele, nela', na fala masculina), e
- ***tsän-ype*** *[ˈtsãnipɛ]* ('neles, nelas', na fala masculina).

Uma vez que as posposições combinam, nas outras pessoas sem ser a terceira, não com os pronomes pessoais mas sim, com os prefixos da série nominal (ver tabela 3, abaixo), poderia-se argumentar que estamos diante de uma irregularidade desta série de prefixos, quando aparecerem diante de posposições. Porém, uma vez que as formas do plural entram no paradigma, e exatamente porque nunca aparece somente o prefixo *n-*, que seria a forma regular desta série, e pela analogia com os pronomes dêiticos (ver secção 4, mais adiante), me parece mais indicado analisar a combinação destas formas como a combinação do pronome com a posposição, e não como a posposição inflexionada na terceira pessoa. De qualquer forma, as formas esperadas seriam:

- ****nä-pe*** *[ˈnãᵐpɛ]* ('nele, nela', na fala masculina), e
- ****tsä-pe*** *[ˈtsãᵐpɛ]* ('neles, nelas', na fala masculina).

No caso da forma do singular na fala feminina, *ï*, que também mostra vogal nasal, parece ter uma irregularidade que precisa ser pesquisada melhor. Até agora, não elicitamos dados com falantes mulheres (pelo fato delas não dominarem o Português e em razão do pesquisador ser do sexo masculino). Ainda assim, analisamos textos narrados por mulheres e constatamos que na fala, pelo menos na fala coloquial, aparece a forma esperada:

- ***ï-pe*** *[ˈĩᵐpɛ]* ou mesmo *i-pe [ˈipɛ]* ('nele, nela', na fala feminina),

mas na fala cuidadosa, particularmente na escrita, os informantes insistem em corrigir esta forma para:

- ***ïj-ype*** *[ˈĩɲipɛ]* ('nele, nela', na fala feminina).

A ocorrência de [ɲ] poderia, talvez, ser explicada de duas maneiras: ou pela assimilação de um */n/* à vogal */i/*, ou por uma inserção semi-automática de */j/* entre */i/* e */i/*, neste caso, num ambiente nasal ([ɲ] é alofone nasal de */j/*). A segunda explicação não cobre o fato que a forma da posposição com */i/* foi escolhida, já que esta forma em princípio entraria somente depois de consoantes.

De qualquer modo, necessita-se de investigações cuidadosas da fala feminina no futuro para responder a estas questões.

"Irregularidades" semelhantes acontecem diante de posposições que não mostram a alteração que descrevemos acima (ou seja, posposições cuja 'forma básica' começa com vogal). Compare:

- ***Waranáku-ete*** ('a Waranáku'), e
- ***oúp-ete*** *[ɔˈɯwɛtɛ]* ('a seu próprio pai'), com
- ***nän-ete*** *[ˈnãnɛtɛ]* ('a ele, ela', na fala masculina), e
- ***tsän-ete*** *[ˈtsãnɛtɛ]* ('a eles, elas', na fala masculina), e
- ***ïj-ete*** *[ˈĩɲɛtɛ]* ('a ele, ela', na fala feminina)

De novo, é inserido um */n/* entre a forma isolada do pronome e a posposição. Mas, não é possível:

- ****n-ete*** *[nɛtɛ]* ('a ele(s), ela(s)', na fala masculina)

Com estas observações fechamos a descrição dos pronomes pessoais.

O PARADIGMA DOS PREFIXOS

Falta aqui o espaço para apresentar, em detalhe, todos os paradigmas de prefixos. Portanto, remetemos o leitor ao trabalho de Monserrat (1976). Encontramos, porém, nos nossos dados, algumas divergências das formas

constatadas por ela. Por isso damos aqui todas as formas dos prefixos em forma de tabela (sem pormenorizá-las).

O Awetí tem, como muitas línguas da família Tupí (em particular, Tupí-Guaraní), dois tipos básicos de verbos, opondo verbos 'ativos' e verbos 'estativos' (que possivelmente podem ser vistos como expressões nominais que funcionam como predicado). Nos verbos ativos, em Awetí, é muito ressaltante a distinção entre verbos transitivos e verbos intransitivos. Os verbos transitivos mostram duas séries de prefixos, uma que marca o sujeito e outra que marca o objeto. Como o verbo pode sempre possuir somente um prefixo pessoal, há a necessidade de escolher entre o prefixo que se refere ao sujeito e o que se refere ao objeto. A escolha do prefixo apropriado segue a uma rígida hierarquia referencial, que é semelhante àquela que foi descrita para várias línguas Tupí-Guaraní (cf., em particular, Monserrat e Facó-Soares 1983). No entanto, o Aweti não apresenta formas '*portmanteau*', e, há uma diferença marcada entre os prefixos dos verbos ativos intransitivos e a série dos prefixos que marcam o sujeito nos verbos transitivos. As três séries restantes, que denominaríamos de "nominais"[4], são quase que idênticas, se não fosse pelas diferenças entre fala masculina e feminina, as quais abordamos logo abaixo.

Como vemos na tabela 2 (próxima página), existe uma diferença entre fala masculina e feminina somente nos prefixos pessoais que ocorrem em formas de substantivos (o que inclui verbos nominalizados). Aqui, as formas masculinas mostram uma relação próxima com os pronomes pessoais, sendo a forma diante de consoantes, *nä-*, idêntica à do pronome. A forma empregada diante de vogais, *n-*, parece ser uma variante mais curta (nota-se que o prefixo *n-* não causa a nasalização da primeira sílaba). As formas femininas, por sua vez, são idênticas às formas encontradas em verbos estativos, e parecem ser de origem Tupí (pelo menos se assemelham com as formas de línguas da família Tupí-Guaraní).

[4] Isto é: a série para objeto (nos verbos transitivos), a série para os verbos estativos, e a série de prefixos para substantivos (que usualmente expressam o possuidor da entidade mencionada pelo tema do substantivo, ou, no uso predicativo do substantivo, exercem função de cópula). Estas séries de prefixos opõe-se às duas séries ativas (que não devem ser confundidas com os verbos ativos).

Pret.	Série:		1. P. Sing.		2. P. Sing.		1.P.Pl.incl.		1.P.Pl.excl.		2. P. Pl.		3. Pessoa (Sing.)				3. P. Refl.	
			+C	+V	+C	+V*	+C	+V	+C	+V	+C	+V	+C	+V			+C	+V
'ativos'	Vb. intrans.		*a-*	*aj-*	*e-*	*e-/ej-*	*kaj-*		*ozo-*		*e'i-*		*o-*	*o-/w-*+			—	
	Vb. trans.	Sujeito	*a-*	*at-*	*e-*	*et-*	*ti-*	*tit-*	*ozoj-*	*ozojt-*†	*pej-*†	*pejt-*†	*wej-*	*wejt-*			—	
		Objeto	*i-*	*it-*	*e-*	*e-/ej-*	*kaj-*		*ozo-*		*e'i-*		—					
'nominais'	Vb. estativo		*i-*	*it-*	*e-*	*e-/ej-*	*kaj-*		*ozo-*		*e'i-*		*i-*	*t-*	*n-*	*t-*	—	
	Substantivo		*i-*	*it-*	*e-*	*e-/ej-*	*kaj-*		*ozo-*		*e'i-*		*mã-*	*i-/ĩ-*	*n-*	*t-*	*o-*	*o-/w-*+

*) Se há duas formas nesta coluna, a segunda, *ej-*, é usada diante de */a/*, a primeira, *e-*, diante das outras vogais.

+) A possível resilabificação de *o-* depende de vários fatores, como a qualidade da vogal que segue, a acentuação e, provavelmente, o registro da fala (grau de formalidade). Diante de */u/*, mesmo acentuado, a forma é *o-*.

†) Aqui, Ruth Monserrat (1976) constatou *ozo-t-*. Ela dedica uns parágrafos (loc.cit., sob 1.2.5) para explicar esta forma aparentemente irregular. Ela analisa o *-t-*, em todos prefixos da série de sujeito, como marca genérica de objeto.

‡) Aqui, Ruth Monserrat (1976) dá *e'i-* resp. *e'i-t-*. Ela registra *pej-* somente como prefixo do imperativo.

Tabela 2: Prefixos Pessoais em Awetí

No estado atual das pesquisas, restam dúvidas, ainda, quanto à relação exata destes prefixos com os pronomes pessoais. No caso da fala feminina, a situação não está clara, ao que parece há a possibilidade de colocar, em vez do prefixo *i-*, a forma do pronome pessoal, quase idêntica mas nasal, *ï-*. Isto parece ser normal no caso de verbos nominalizados. Não sabemos se isto é uma oscilação na língua, possivelmente uma transição de um sistema para um outro, ou se há outros fatores, por exemplo, pragmáticos, que determinam o emprego de uma ou outra forma, ou, ainda, se esta ambigüidade é resultado de observações errôneas por parte dos pesquisadores. Devemos, em futuras pesquisas, esclarecer estas incertezas e, inclusive, estudar sua permutabilidade e a possibilidade de combinar os prefixos com os pronomes, ou mesmo com outros nomes (uma vez que, em Awetí, a justaposição de nomes serve freqüentemente para formar o que parecem ser palavras compostas). Também precisamos saber se a distinção entre singular e plural estaria entrando, através dos pronomes pessoais, nos paradigmas dos prefixos. Até agora, isto não parece ser o caso.

À primeira vista, as diferenças entre fala masculina e feminina, no caso dos prefixos pessoais, parecem mínimas. Porém, lembramos que a diferenciação atinge exatamente as formas com maior freqüência, e as formas de citação, no caso de substantivos inalienáveis, e também no caso de verbos. Este é um problema, entre outros, para a lexicografia: Um dicionário (direcionado aos falantes Awetí) deve listar a palavra 'pai', inalienável, com o tema *–up*, sob um lema ***nup*** ou ***tup***? Os verbos ativos também possuem uma forma de citação, baseada na nominalização abstrata do verbo, usando o prefixo da terceira pessoa. Portanto, devemos citar, por exemplo, o verbo 'amarrar' (tema: *-atï*) pela forma masculina ***natïtu***, ou pela forma feminina ***tatïtu***? Igualmente, o verbo 'ver' (tema: *-tup*) por ***nätupu*** ou ***ïtupu*** (ou, possivelmente ainda, ***itupu***)? Como no caso de dialetos ou outras variedades lingüísticas, estamos diante da necessidade de escolher uma variedade como *'standard'*, o que, especialmente no caso de generoletos, não é nada banal.

O PARADIGMA DOS DÉITICOS

Uma outra área em que se manifestam diferenças entre as duas principais variedades do Awetí são os déiticos. Diferentemente dos casos tratados acima, encontramos, aqui, uma possível relação morfológica entre as formas masculinas e femininas. As formas masculinas se destacam pela presença da sílaba *-tä*, ausente nas formas da fala feminina.

Em Awetí, o sistema déitico distingue basicamente três posições: (1) perto do falante, (2) perto do ouvinte, (3) distante do falante e do ouvinte (semelhante ao sistema em várias línguas romanas, como no Português). No caso da variedade feminina, tudo indica que a distinção é bipartida, fusando

posições (2) e (3). Há, nesta posição, na fala feminina, duas formas ligeiramente diferentes, mas seu uso parece depender de outros fatores, não semânticos. Possivelmente trata-se de variação estilística, dialetal ou mesmo individual.

Em forma de mais uma tabela, damos os pronomes déiticos e os advérbios déiticos derivados a partir deles (formados com a posposição locativa *-pe*).

Pos.	Fala Masculina			Fala Feminina	
	Pronomes		Advérbio	Pronome	Advérbio
	Singular	Plural			
(1)	*jatä* *[jaˈtã]*	*jatsäza* *[jaˈtsãza]*	*jatänype* *[jaˈtãnipɛ]*	*ujá [uˈja]*	*ujápe* *[uˈjapɛ]*
(2)	*kitä* *[kiˈtã]*	*kitsäza* *[kiˈtsãza]*	*kitänype* *[kiˈtãnipɛ]*	*akýj [aˈkij] /* *akój [aˈkɔj]*	*akýjype* *[aˈkijipɛ] /* *akójype* *[aˈkɔjipɛ]*
(3)	*kujtä* *[kujˈtã]*	*kujtsäza* *[kujˈtsãza]*	*kujtänype* *[kujˈtãnipɛ]*		

Tabela 3: Déiticos em Awetí

Percebemos uma possível relação entre a primeira sílaba dos déiticos da fala masculina e a segunda sílaba das formas correspondentes da fala feminina: no caso da posição (1), as duas formas *ja* são idênticas (abstraindo do acento das palavras). No caso das posições (2) e (3), temos um complexo de vários morfes semelhantes, incluindo *ki*, *kuj*, *kyj* e *koj*. Soma-se a estes, a sílaba *ky* na forma *kype* 'aqui', uma forma cuja função exata também precisa de mais estudo. Aparentemente, ela aparece somente na fala masculina e tem significado semelhante a *jatänype*. Também cabe aqui fazer referência a dois outros advérbios locativos: *kojýpe* 'longe, muito distante', e *kopére'ym* 'perto'. Estes dois advérbios aparecem tanto na fala masculina como na fala feminina. O primeiro, *kojýpe [kɔˈjipɛ]*, está aparentemente diretamente relacionado com o déitico *akójype*, da fala feminina (mas observe-se a diferença na acentuação). O segundo pode ser, diacronicamente, uma contração de *kojýpe* e o negador nominal *-e'ym* (resta explicar a acentuação e a presença do */r/*).

A sílaba *-tä* é, aparentemente, um acréscimo que a fala masculina adquiriu. Ela mostra o mesmo comportamento (inserção de um */n/* diante de posposições) que já constatamos no caso dos pronomes pessoais masculinos, na secção 2, acima. Mais significativo, ainda, é que é o único caso presenciado, até agora, de uma sílaba nasal que não causa harmonia nasal à sua esquerda, dentro da palavra. Não é aqui o lugar de expor as regras da harmonia

nasal em Awetí, mas vale dizer que esperaríamos formas como *[jnã'"tã]*, *[kĩ'"tã]* e *[kũjn'"tã]*, que são ingramaticais e inaceitáveis. (O mesmo vale para as formas do plural, com a sílaba nasal *-tsä.*).

Inicialmente pensou-se que a sílaba *-tä* fosse algo como uma marca da fala masculina. Porém, desde que nos deparamos com a existência de formas do plural que mostram a sílaba *-tsä*, na mesma posição (além do sufixo *-za*, para o coletivo), acreditamos que a explicação é mais complexa e envolve outras categorias funcionais. É evidente, na fala masculina a relação da sílaba *-tsä* com o pronome pessoal da terceira pessoa do plural. Isto deixa suspeitar que existe, da mesma forma, uma relação entre a sílaba *-tä* e o pronome *nä*, do singular. Todas estas formas são, de um lado, marcadamente nasais, e mostram, por outro lado, um comportamento irregular com respeito à nasalidade (inserção de um */n/*, não causar harmonia nasal). Sendo */n/* e */t/* oclusivas dentais que se diferenciam somente pela presença ou ausência de nasalidade, esta relação parece altamente plausível. Contudo, não sabemos, por enquanto, os detalhes do desenvolvimento destas formas. (Ao que parece, a fala feminina também possui formas pronominais no plural, formadas somente com *-za*: *ujáza* e *akýjyza (?) / akójyza (?)*, cujo uso não parece tão regular como o das formas análogas na fala masculina).

Faz-se importante mencionar um fato que aumenta crucialmente a saliência da diferença entre fala masculina e feminina. As formas citadas, na tabela 3, nas colunas de pronomes (no caso da fala masculina, somente as formas do singular) funcionam não somente como pronomes, mas também como partículas discursivas. Nesta função, elas são muito freqüentes, embora seu uso seja quase sempre opcional. A construção serve, pelo que entendemos, para topicalizar uma constituinte da frase, e pode muitas vezes ser traduzida para o Português por "é que". Por exemplo, uma frase muitas vezes empregada como primeira frase de narrativas ou explicações formais, mostra duas ocorrências destas formas, uma vez como pronome um uma vez como partícula topicalizadora. Segue a frase em sua forma masculina e feminina:

- ***Jatä tsu jatä ozoporywyt***. ('Assim que é nosso costume.', na fala masculina),
- ***Uja tsu uja ozoporywyt***. ('Assim que é nosso costume.', na fala feminina).

A grande freqüência com que as formas pronominais aparecem na função de partículas topicalizadoras faz com que a fala masculina se distingue marcadamente da fala feminina, inclusive na mera impressão acústica.

DIFERENÇAS LEXICAIS

É comum ouvir um Awetí afirmar de uma ou outra palavra que ela seria "uma palavra das mulheres". Tanto é que, quando pensei em apresentar esta comunicação, achava que a apresentação de diferenças lexicais em classes abertas comporia uma parte substancial dos resultados.

Os pares de palavras análogas da fala masculina e feminina que juntei nas primeiras idas para o campo, caíram em uma de duas categorias: Algumas realmente mostraram material lexical diferente, outras se diferenciaram pelo som inicial, sendo que na variante masculina houve um */n/*, ausente nas formas femininas que iniciavam com uma vogal. Em preparação desta comunicação, pretendi aprofundar estas diferenças e buscar mais exemplos.

Porém, nos últimos contatos com a língua tive a oportunidade de perseguir estas supostas diferenças lexicais, e o resultado é um tanto entibiante. Investigando de mais perto vários pares tentativos do primeiro grupo, restaram muito poucos que realmente fossem sinônimos e não mostrassem diferenças semânticas. Insistindo, muitas vezes resultou que homens também podem fazer uso das palavras indicadas como femininas. Em outras ocasiões alguns falantes afirmaram que as palavras significavam exatamente o mesmo, enquanto outros discordaram dizendo que havia uma diferença no significado, sim. Um destes exemplos contraditórios é o par para:

- **'curica'**: *takänyt* (♂) vs. *takárï* (♀).

Possivelmente estes dois termos designam espécies ou subespécies diferentes.

Entre os poucos exemplos que se confirmaram achamos:

- **'cuia para beber'**: *y'a'jýt* (♂) vs. *mopo'jýt* (♀),

sendo que a palavra masculina literalmente significa "pequena coisa redonda para água", enquanto a palavra feminina seria "pequena cabaça". Outro exemplo seriam as palavras que designam o 'talo da palha usado para cobrir as casas': os homens diriam *tawypepo'apy*, enquanto as mulheres, *tapaj'jypo'apy*. *tawypé* significa 'teto, esteira grande', enquanto *tapaj'jyp* é o nome da planta (como em *tapaj'jyp op*, '(folha da) palha'). Como se vê, estes exemplos não são muito significativos, pois as duas palavras envolvem somente morfemas aparentemente nativos do Awetí, sendo que os homens usam metáforas baseadas na funcionalidade, enquanto as mulheres usam as palavras para as espécies biológicas pelas quais os utensílios foram feitos.

No caso do outro grupo, confirmou-se a variação entre formas com /n/ inicial, versus formas sem este /n/. As palavras que mostram esta variação

são, muitas vezes, nomes de espécies, por vezes também de utensílios. Temos, por exemplo:

- **'pato'**: nypék vs. ypék,
- **'papagaio'**: napúryt vs. apúryt, e
- **'arco'**: nyzapát vs. yzapát.

O que não se confirmou, no entanto, é que o uso destas variantes seria determinado pelo sexo do falante. Ainda não foi possível elicitar uma amostra significativa com falantes mulheres, mas já no caso dos homens encontramos a variação. Indagando o por quê da variação, a explicação usando a fala do homem versus a fala da mulher é a mais rapidamente empregada. Apontando para a variação também entre os homens, os Awetí admitem que isto acontece, e as explicações que seguem muitas vezes fazem referência a mudanças lingüísticas, afirmando que uma variante seria mais aplicada pelos velhos, enquanto os jovens já falam "de qualquer jeito", quer dizer, sem se preocupar se estão falando 'correto' ou não. Agora, não existe unanimidade na questão de qual das duas formas seria a mais tradicional. A minha hipótese preliminar é que, na maioria das palavras, a forma sem /n/ é a forma antiga, o /n/ sendo introduzido para evitar início vocálico da palavra, e possivelmente em analogia com substantivos inalienáveis, onde na forma masculina entra um /n/ (o prefixo da terceira pessoa, cf. tabela 2, acima). Isto explicaria porque a variante com /n/ é atribuída à fala masculina.

Resumindo, as diferenças no nível lexical não parecem ser a área mais importante da oposição entre fala masculina e feminina em Awetí. Possivelmente, trata-se mais de uma concepção ideológica dos falantes ao perceberem mudanças lingüísticas. Que se usa esta explicação (e não outra), porém, é significativo, pois indica que a oposição entre fala masculina e feminina é um tópico importante na língua, mesmo que suas maiores conseqüências sejam na área das classes fechadas cujos paradigmas especificamos nas secções 2, 3 e 4.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Emmerich, C. e R. M. F. Monserrat. 1972. "Sobre a fonologia da língua Awetí (Tupi)". *Boletim do Museu Nacional* 25 (Antropologia). Rio de Janeiro: Museu Nacional.

Lieb, Hans-Heinrich. 1993. *Linguistic Variables. Towards a Unified Theory of Linguistic Variation.* (*Current Issues in Linguistic Theory*, vol. 108). Amsterdam: Benjamins.

Monserrat, R. M. F. 1976. "Prefixos pessoais em Aweti". *Lingüística* III. Rio de Janeiro: UFRJ / Museu Nacional.

Monserrat, R. M. F. e M. Facó-Soares. 1983. "Hierarquia Referencial am Línguas Tupí". *Ensaios de Lingüística. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura* 9:164–187. Belo Horizonte. (Escrito em 1970).

Rodrigues, A. D. 1964. "A classificação do tronco lingüístico Tupi". *Revista de Antropologia* 12:99–104. São Paulo.

Rodrigues, A. D. 1984/1985. "Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní". *Revista de Antropologia* 27/28:33–53. São Paulo.

Rodrigues, A. D. e W. Dietrich. 1997. "On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guaraní". *Diachronica* 14,2:265–304. Amsterdam.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org